



A GÊNESE DO NEOFASCISMO E O CASO BRASILEIRO: REFLEXÕES À MARGEM DO ARTIGO DE ODILON CALDEIRA NETO

The Genesis of Neo-fascism and the Brazilian Case: Reflections on the Article by Odilon Caldeira Neto

Fabio Gentile^a

 <https://orcid.org/0000-0001-5746-8008>

E-mail: fabio.gentile@ufc.br

^a Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais,
Fortaleza, CE, Brasil.

DEBATE

NEOFASCISMO NO BRASIL/NEO-FASCISM IN BRAZIL/NEOFASCISMO EN BRASIL

RESUMO

O texto pretende fazer algumas considerações sobre o neofascismo brasileiro como fenômeno “tardio” no contexto global da galáxia neofascista contemporânea.

PALAVRAS-CHAVES

Neofascismo. Transnacional. Global.

ABSTRACT

The work aims to get some considerations on Brazilian neofascism as a “late” phenomenon in the global context of contemporary neo-fascist galaxy.

KEYWORDS

Neo-fascism. Transnational. Global.



O texto de Odilon Caldeira Neto apresenta um conjunto de reflexões teórico-metodológicas bastante frutíferas, visando compreender o caráter peculiar do neofascismo brasileiro dialeticamente vinculado ao neofascismo em nível transnacional.

Concordo com a hipótese central formulada pelo pesquisador. Dialogando com uma ampla literatura internacional e nacional, Caldeira Neto chega na conclusão de que o neofascismo brasileiro é um fenômeno “tardio”. Por um lado, ele precisa ser analisado, destacando suas especificidades nacionais; por outro lado, é preciso colocá-lo no contexto global da galáxia neofascista contemporânea.

O neofascismo brasileiro se torna então um campo privilegiado para fazer algumas reflexões sobre a gênese do neofascismo e o lugar que o caso brasileiro ocupa nela.

Nesta perspectiva, pretendo dividir minha contribuição em duas partes. Na primeira parte, farei algumas ponderações sobre a categoria de neofascismo: seu núcleo semântico-conceitual, trajetória histórica, validade heurística na classificação dos fenômenos que podem ser associados ao conceito em questão, sua colocação na direita extrema e/ou radical. Na segunda parte, gostaria de refletir sobre o caráter “tardio” do neofascismo brasileiro. Tal como aconteceu com outras categorias da ciência política, o neofascismo também foi alvo de ressignificações semânticas.

Uma primeira elaboração é vinculada ao traço nitidamente ideológico-político do núcleo originário do neofascismo, dado que na sua raiz existem fenômenos históricos específicos. A crise do fascismo italiano em julho de 1943 é o marco zero. Nos 45 dias do governo Badoglio, os fascistas “órfãos” de Mussolini começam a se reorganizar. Inicia-se uma nova fase que precisa ser pensada em uma dialética de continuidade e ruptura com a experiência fascista entre as duas guerras mundiais.

No Sul da Itália libertado pelos Aliados assiste-se ao fascismo clandestino, enquanto no Norte, ocupado pelo exército nazista, vem criada a República Social Italiana (RSI) sob o comando de Mussolini, de setembro de 1943 até 25 de abril de 1945.

A soldagem desses fenômenos no contexto do fim da Segunda Guerra Mundial e da transição para a democracia constitui o núcleo fundador do neofascismo.

Para alguns, especialmente os veteranos da RSI, o prefixo “neo” deve indicar o retorno às origens do fascismo, uma vez que o regime fascista é criticado pela sua transformação de movimento para partido-estado, perdendo desta forma seu caráter “social” devido aos acordos de poder com a monarquia e a igreja católica ao longo do “Ventennio”.

Para outros, o neofascismo teria que cortar todos os laços com o fascismo, cuja experiência histórica terminou em 25 de abril de 1945, sem chance nenhuma de volta na história.

Da fusão destas duas correntes principais nasceu o Movimento Social Italiano (MSI), o maior partido “neofascista” europeu até à sua transformação “pós-fascista” em Aliança Nacional (NA) na década de Noventa do século XX (IGNAZI, 1994).

O MSI pretende voltar às origens do fascismo, mas também está ciente de que a conjuntura histórica tem profundamente mudado. A sua trajetória na história do segundo pós-guerra é marcada por uma tensão entre ser um movimento radical que se orgulha de estar fora do sistema constitucional liberal-democrático e representativo, mas ao mesmo tempo ele é profundamente inserido no sistema (participa as eleições, apoia os governos etc.).

É um caso paradigmático para compreender a dificuldade de definir o que são extrema direita e direita radical, quais as aproximações e as diferenças entre elas (MUDDE, 2019). Dependendo das circunstâncias, o MSI era de fato um partido de extrema-direita na

hora de apoiar os governos “centristas” na Guerra Fria, se tornando então um ator estratégico do anticomunismo. Porém, soltou a sua alma radical durante a “estratégia da tensão” das décadas de Sessenta e Setenta, apoiando os núcleos terroristas neofascistas.

Mais recentemente, o movimento de Le Pen na França também oscila entre a extrema direita e a direita radical, acentuando e freando seu caráter neofascista em acordo com as conjunturas históricas.

Se, então, ampliarmos nosso horizonte, observamos mais uma dilatação semântico-conceitual do neofascismo para indicar os movimentos neonazistas na Alemanha, no Norte e no Leste da Europa. Nesse caso, é possível falar de movimentos radicais de direita, pois eles não tiveram uma presença significativa nos governos nacionais e regionais, fora o caso de J. Haider na Áustria da década de 1990.

Tentando conectar estas experiências, é possível pensar o neofascismo como um fenômeno transnacional? Penso que sim. O caráter ultranacionalista dos neofascismos não impediu a criação de redes transnacionais. Embora compostos por pequenos grupos de militantes, agindo na clandestinidade, os movimentos neofascistas se engajaram na circulação da obra dos intelectuais de referência da extrema direita- Evola, Pound, Celine, Brasilach, só para citar alguns dos mais expressivos, e sem falar da circulação de autores clássicos do negacionismo -, visando legitimar uma específica ideologia neofascista alimentada por editoras, revistas, encontros nacionais e internacionais, de acordo com a exigência de não ser apenas um simples apêndice do fascismo histórico (LENCI, 2012).

Nas últimas décadas, a sociedade em rede está dando novo alimento ao neofascismo em nível transnacional e global. Na web é mais fácil e rápido disseminar as teses negacionistas, tradicionalmente difusas entre poucos militantes, espalhar fake news de forma ilimitada, bem como criar redes e procurar financiamentos.

Demais folego ao neofascismo está sendo dado pelas lideranças autoritárias e populistas no contexto da crise da democracia representativa (Trump, Bolsonaro, Orban, Salvini, Meloni, M. Le Pen, etc.), de acordo com uma recente literatura sobre o tema da volta das ditaduras autoritárias e os “autoritarismos competitivos”, que esvaziam as democracias por dentro (COSTA PINTO, 2021; LEVITSKY & ZIBLATT, 2018).

No contexto que acabamos de delinear, tem a questão de qual lugar ocupa o neofascismo brasileiro. A tese de Odilon Caldeira que se trata de um fenômeno “tardio” é interessante. E vale a pena de corroborar com outras observações.

As duas experiências autoritárias - era Vargas e ditadura civil-militar - contribuíram para o caráter “tardio” do neofascismo brasileiro, pois o esvaziaram, incorporando muitos dos seus temas.

A criação do *Estado Novo* em 1937 se amparou do integralismo do qual apropriou alguns elementos ideológicos antes de colocá-lo fora da lei. Foi, portanto, difícil para Plínio Salgado e seus seguidores reorganizar o neointegralismo após a Segunda Guerra Mundial, também considerando o advento da ditadura civil-militar, a qual por sua vez se apropriou dos modelos autoritários e fascistas entre as duas guerras mundiais.

Portanto, está certo afirmar que o neofascismo brasileiro inicia nas décadas de 1980 e 1990. É um fenômeno “tardio”. Todavia se alinha rapidamente com a ampla circulação do neofascismo em nível global. Concordamos com Caldeira Neto que a sociedade em rede desempenha um papel fundamental (alianças com os movimentos do Norte e Leste da Europa) no crescimento do neofascismo brasileiro, bem como a circulação dos intelectuais clássicos, da extrema direita, também traduzidos para o português, por editoras orgânicas aos movimentos neofascistas brasileiros. E, sem dúvida, Bolsonaro tem um papel decisivo nos últimos anos.

Há, portanto, uma tensão entre a dinâmica local e aquela global que caracteriza a trajetória do neofascismo brasileiro, o qual apesar de seu caráter “tardio” está plenamente inserido na galáxia neofascista internacional.

REFERÊNCIAS

COSTA PINTO, A. *O regresso das ditaduras?* Lisboa: FFMS, 2021.

IGNAZI, Piero. *Postfascisti? Dal Movimento sociale italiano ad Alleanza nazionale*. Bolonha: Il Mulino, 1994.

LENCI, Lenci. *A destra, oltre la destra: la cultura politica del neofascismo italiano, 1945-1995*. Pisa: Pisa University Press, 2012.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MUDDE, Cas. *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press, 2019.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Fabio Gentile: Doutor em Ciências Sociais, Docente do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Avenida da Universidade 2995, Bairro Benfica, Fortaleza, Cep 60020-181.

ORIGEM DO ARTIGO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.



LICENÇA DE USO

© Fabio Gentile. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITOR

Fabio Morales.

HISTÓRICO

Recebido em: 13 de dezembro de 2022

Aprovado em: 17 de janeiro de 2023

Como citar: GENTILE, Fabio. A gênese do neofascismo e o caso brasileiro: reflexões à margem do artigo de Odilon Caldeira Neto. *Esboços*, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 675-680, set./dez. 2022.

